



Santos: praias podem ficar submersas e parte da cidade isolada

MAIS INUNDAÇÕES EM 2100

O que aconteceria com a Baixada Santista se em 2100 o nível médio do mar subisse 1,5 metro em razão das mudanças climáticas? Pesquisadores de hidráulica da Escola Politécnica da Universidade de São Paulo construíram um modelo físico que reproduz os mil quilômetros quadrados dos estuários de Santos e São Vicente e de sua linha costeira e simularam os efeitos dessa alteração. Entre as consequências previstas pelo estudo, publicado em setembro na *Environment Monitoring Assessment*, destaca-se o provável isolamento, em razão de inundação, da região da Ponta da Praia, perto do porto de Santos, do resto da cidade. No Guarujá, em São Vicente e na Praia Grande,

parte das praias será submersa, afetando áreas densamente povoadas. O aumento de 1,5 metro no nível do mar no litoral paulista não é um cenário absurdo. Em 2005 houve ondas de três metros e elevação de 80 centímetros no nível das marés na baía de Santos durante uma forte tempestade.

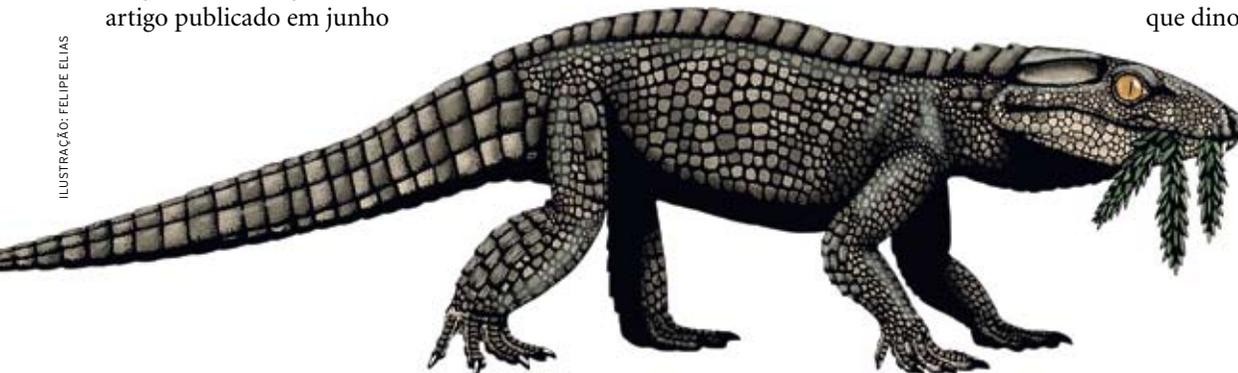
> Açogueiros do passado

Os antepassados dos crocodilos não eram nada parecidos com os de hoje, que passam boa parte do tempo parados dentro da água e rastejam quando se aventuram em terra firme. O *Sphagesaurus montealtensis*, ou réptil açogueiro de Monte Alto, vivia fora da água e caminhava com a barriga longe do chão. Segundo artigo publicado em junho

na *Historical Biology*, é possível que fosse o carniceiro que o nome sugere, mas não se contentava só com carne: os dentes com formato de molares indicam que sua dieta incluía vegetais. “Qualquer que fosse seu alimento, era de difícil digestão e necessitava ser mastigado antes de engolido”, explica Marco Brandalise de Andrade, que

estudou os fósseis emprestados pelo Museu de Paleontologia de Monte Alto durante seu mestrado na Universidade Estadual Paulista (Unesp) em Rio Claro. A espécie

*S. montealtensis* viveu entre 80 milhões e 65 milhões de anos atrás onde hoje é o interior de São Paulo e se soma a mais sete crocodilianos já descritos que habitavam a região nesse período, uma diversidade que sugere que havia mais crocodilianos do que dinossauros no Brasil.



*Sphagesaurus*: crocodilo terrestre que viveu entre 80 milhões e 65 milhões de anos atrás

ILUSTRAÇÃO: FELIPE ELIAS

RICARDO ZORZETTO

## > A leishmaniose nas cidades

Entre os 427 cães atendidos na última década, em 117 o Serviço de Dermatologia do Hospital Veterinário (Hovet) da Universidade de São Paulo detectou anticorpos contra o protozoário que causa a leishmaniose visceral. Além de provocar lesões na pele, a doença afeta o fígado, o baço e a medula óssea – e pode matar. A leishmaniose já foi considerada enfermidade rural, transmitida por insetos do gênero *Lutzomyia* como o mosquito-palha, que vive em florestas. Mas nas últimas décadas vem se aproximando de grandes cidades (ver Pesquisa FAPESP nº 151). Segundo Carlos Larsson, chefe do Serviço de Dermatologia do Hovet, é pouco provável que os cães tenham contraído a doença na capital paulista. Alguns, porém, parecem ter sido infectados em municípios da Região Metropolitana de São Paulo, como Cotia e Embu (*Agência USP de Notícias*). A presença de animais doentes nas cidades eleva o risco de transmissão para pessoas.

## > Atenção à saúde mental

Problemas mentais como depressão e esquizofrenia podem impedir as pessoas de trabalhar e desagregar famílias, além de estarem relacionados a suicídios e até homicídios. Nas últimas décadas, o Brasil optou por substituir os hospitais psiquiátricos pelos Centros de Apoio



Cães paulistanos: também infectados

Psicossocial (Caps), idealizados para atender distúrbios mentais complexos na comunidade com o mínimo de internações. É uma estratégia inovadora, mas implantada de modo tímido. Em 2006 havia 848 Caps, um para cada 200 mil habitantes, e 27 leitos psiquiátricos por 100 mil pessoas, bem menos que

o necessário, segundo diagnóstico liderado por Mário Mateus, da Universidade Federal de São Paulo. O total de psiquiatras e psicólogos também é pequeno: 6 mil e 18 mil, respectivamente. Serviços e recursos humanos estão concentrados nas áreas mais ricas do país (*International Journal of Mental Health Systems*).

## ISTO NÃO É UMA COBRA

deste ano na Estação Ecológica Serra Geral do Tocantins numa expedição coordenada por Cristiano Nogueira, da ONG Conservação Internacional do Brasil. O lagarto deixa um rastro ondulante quando serpenteia na superfície do solo, mas prefere mesmo é enterrar-se com a ajuda do focinho achatado – em grego seu nome significa "nariz em forma de cunha". Encabeçada pelo zoólogo especialista em répteis Miguel Trefaut Rodrigues, da Universidade de São Paulo, a descrição do animal foi publicada em setembro na revista *Zootaxa*. Para ele, a descoberta é mais um indício da riqueza biológica que ainda está por ser descoberta no Cerrado. É a terceira espécie de lagarto sem patas do gênero *Bachia* que ele descreve desde 2007 no Cerrado do Tocantins.



AGUSTÍN CAMACHO/USP (LAGARTO); E LUCIANO CANDISANI (PAISAGEM)



Morro do Fumo: região da descoberta do lagarto sem patas

## > Água fortificada

Ferro e vitamina C na água potável podem ajudar a combater a anemia infantil, que afeta metade dos brasileiros com até 5 anos. A mistura foi desenvolvida por Joel Lamounier, Flávio Capanema e Daniela Rocha, da Faculdade de Medicina da Universidade Federal de Minas Gerais, e está sendo testada em 24 creches de Belo Horizonte. Os resultados até agora são promissores. O grupo detectou uma queda de 69% na prevalência de anemia entre as 321 crianças examinadas. Caíram também os índices de desnutrição e o déficit de crescimento. O teor de hemoglobina no sangue subiu (*Minas Faz Ciência*).